

Um PIB na mão, ou dois voando?

Alexandrita é uma pedra preciosa rara e muito cara. Tem o dom de mudar de cor conforme a luz do dia. O Brasil é um dos poucos que a produz. Entre nós, as estimativas governamentais sobre o PIB se assemelham a essa maravilhosa pedra: conforme o ano vai avançando, mudam as estimativas do PIB. Coisa normal, diriam. Sim, mas com o toque peculiar: o esperado azul acaba quase sempre no vermelho. O otimismo não correspondido dos primeiros meses é compensado com promessas de crescimento para o final do primeiro semestre. E, se nada acontece, o segundo semestre transforma-se no desaguadouro das esperanças. E, se em dezembro as cores prometidas não se apresentam, sempre existe um “ano que vem”.

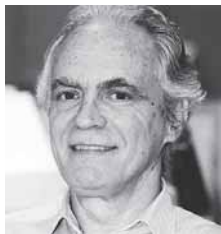
No triênio 2003/05 nossa trajetória, em matéria de PIB, foi do tipo “vão de galinha assustada”: começamos com um rastejante 0,3%, saltamos para 4,9 % e no ano passado ficamos nos 2,3%. Nove fora, uma média anual de 2,2%, muito baixa se comparada com nosso desempenho até o início dos anos de 1980. O pior é que, em termos internacionais, e mesmo latino-americanos, ficamos abaixo da média, comendo poeira, como diria um caminhoneiro.

Era previsível? Até certo ponto, sim. Os dois últimos governos se esmeraram no combate à inflação e sacrificaram o crescimento econômico. Brandindo uma taxa de juros estratosférica, espantaram o investimento produtivo e estimularam as aplicações financeiras oportunistas.

Apesar de a situação internacional ser mãe gentil e não madrasta, como aconteceu durante a década de 1990, nosso aproveitamento limitou-se a um expressivo aumento das exportações. A dívida interna ultrapassou a casa do trilhão e é um dragão de sete gargantas que devora boa parte dos esforços destinados ao crescimento, bloqueando-o.

É possível que não houvesse alternativa. Mas, mesmo admitindo essa hipótese, houve um claro erro de dosagem. É quase certo que uma taxa de juros substancialmente menor em média a partir de 2003 tivesse provocado um crescimento do PIB substancialmente maior, sem resultar no temido repique inflacionário. O crescimento do PIB é sinérgico, movimenta forças adormecidas que alavancam o crescimento mais do que proporcionalmente ao investimento realizado. Os juros em patamares elevados, ao contrário, desanimam, pois são vistos de longe e assustam os viajantes. O problema é que não existe saída rápida desta encalacrada. A mudança de rumo é vagarosa como a de um grande petroleiro. Mesmo que o comandante decida por um caminho alternativo.

Para um poeta, o tempo é eterno, mas passa; para um ecologista, é um recurso natural não renovável. Do novo governo, que parece meio velho, já se foram quase três anos e meio. As recentes mudanças no Ministério da Fazenda trouxeram no início alguma esperança. Mas tudo indica que as coisas já voltaram ao normal.



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP